

A URBANIZAÇÃO DO CAMPO: ESTUDO DE CASO DO BAIRRO DO MONJOLINHO EM TAUBATÉ

Mauro Celso Senatore¹, Monica Franchi Carniello², Moacir José dos Santos³, Fabio Ricci⁴

^{1,2,3,4} Universidade de Taubaté/ Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional. Rua Visconde do Rio Branco, 210 Centro - 12020-040 - Taubaté - SP – Brasil professorfabioricci@gmail.com

Resumo- Este artigo visa estabelecer similaridades com outras pesquisas referentes à urbanização de regiões consideradas rurais em municípios industrializados de médio porte, como a cidade de Taubaté, na região do Vale do Paraíba no estado de São Paulo. Foi realizado o estudo de caso do bairro “rural” do Monjolinho, situado à cerca de 20 km do centro da cidade, em que a partir de pesquisa etnográfica com método de observação participante da comunidade do bairro. Constatou-se o quanto o processo de industrialização regional impactou na transformação cultural do rural para urbano na comunidade do bairro selecionado. Portanto, áreas consideradas rurais pelo governo municipal constituem uma sociedade urbanizada culturalmente, oferecendo apenas a exuberância do espaço e da paisagem verde, comprovando a pressão dominadora exercida por parte da sociedade urbana industrial sobre a rural agrícola.

Palavras-chave: Política urbana; economia regional; urbanização extensiva.

Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas

Introdução

O presente artigo buscou conciliar a observação etnográfica da comunidade estudada com a fundamentação teórica sobre a irradiação da industrialização da Europa e dos Estados Unidos para o Brasil. Esse conhecimento é estratégico para a problematização da precocidade da urbanização e do processo de industrialização do município de Taubaté durante o final do século XIX e início do século XX, o que gerou o êxodo rural para a cidade. Nas últimas décadas este processo de urbanização deslocou-se para o campo, o que justifica o estudo de caso do bairro do Monjolinho.

A partir do método de observação etnográfica foi possível relacionar as teorias de Lefebvre (1970) sobre a revolução urbana com o caso estudado. Outras análises como as realizadas por Monte-mór (2006) e Veiga (2005) foram incorporadas para a realização da avaliação. A observação propiciou a reflexão sobre o modo de vida, os valores e as transformações culturais exercidas com o impacto dos valores urbanos na comunidade, principalmente na camada mais jovem da população, integrada aos equipamentos tecnológicos, aos dispositivos de lazer e consumo e com projeções culturais mais urbanas que rurais.

Diante da aparente inevitabilidade do processo de urbanização do meio rural em

questão relaciona-se a situação avaliada com teorias e pistas sobre a simbiose entre o bairro e o meio urbano. A urbanização do meio rural suscita reflexões sobre como preservar a cultura, os costumes, a memória e a biodiversidade local. Ferrão (2000) identifica os fenômenos gerados pela urbanidade do campo e apresenta formas de possibilitar uma transformação mais justa e responsável, tomando como exemplo o caso do mundo rural não agrícola, como maneira de desenvolver e gerar sustentabilidade com qualidade de vida para essas áreas rurais, pressionadas pela falta de competitividade com a produção agrícola diante da concorrência da agroindústria. Este artigo busca delimitar os fatores que provocam a urbanização do campo e ampliar o entendimento sobre as consequências sociais do processo.

Metodologia

O artigo resultou de uma pesquisa qualitativa. Para a realização da análise do caso do bairro do Monjolinho foi utilizado o método etnográfico, a partir do estudo de Travancas (Duarte, ET AL., 2005, pp.98-109), baseado na análise do antropólogo estadunidense Clifford Geertz, que considera a pesquisa antropológica social como etnografia. Os autores abordados pela autora constituem a cidade como um ambiente repleto de tribos, em que cada uma possui suas especificidades, o que caracteriza os grupos

sociais diferentes e passíveis de análises individuais. Na mesma obra, recorreremos ao método de observação participante analisado por Peruzzo. Neste método a coleta de dados abrange a simples observação dos fatos do cotidiano das pessoas analisadas, sem interferência do pesquisador. Também, esta é uma pesquisa bibliográfica, partindo do referencial teórico introdutório que visa estabelecer as bases para a construção das questões abordadas.

Resultados

O bairro do Monjolinho em Taubaté está localizado na área rural, na zona leste da cidade. Fica a cerca de 20 km do centro pela estrada das Sete Voltas, caminho asfaltado de mais de 40 km entre a rodovia Presidente Dutra no bairro do Três Marias e do Bairro do Registro, no km 17 da rodovia Osvaldo Cruz.

As características geográficas do bairro são de relevo acidentado, marcado por morros e vales fluviais. A atividade econômica mais comum é a pecuária de leite, porém existem algumas propriedades agrícolas que cultivam hortaliças, flores, frutas e eucalipto. Existem ainda alguns pontos comerciais, pousadas, pesqueiros, restaurantes, oficinas metalúrgicas e escolas públicas. A maioria dos habitantes trabalha no bairro. Existe ainda um assentamento com quase cem famílias do Movimento Sem Terra (MST). Dentro do assentamento, a pobreza é semelhante a da cidade, mas isso não motiva o uso da terra para a produção agrícola, a maioria dos assentados desistiu da produção rural e trabalha da cidade, fazendo uso do solo apenas para moradia.

Apesar da aparente ruralidade do local e de sua população, podemos perceber a intensa influência da cultura urbana entre os moradores. A referência de pesquisa foi à observação etnográfica dos habitantes ao longo de cerca de quatro anos de convivência, principalmente entre funcionários, professores, pais e alunos da Escola Municipal José Marcondes de Moura – Escola do Monjolinho. Os indivíduos desta escola serviram como base desta pesquisa, pois proporcionam um bom referencial para análise, já que é a única escola de ensino médio da região e devido à distância do centro urbano, alunos de diversas classes sociais freqüentam a instituição. É importante destacar que os alunos apresentam comportamento social e portam objetos tipicamente urbanos, como: roupas e tênis de grife; equipamentos eletrônicos; telefones celulares e MP 4, MP 12, MP20; freqüentarem o shopping center e as casas noturnas da cidade; se locomoverem de automóveis ou motos próprias e viverem em casas com todo o conforto oferecido

na zona urbana, inclusive com antenas parabólicas e alguns com TVs por assinatura. Os hábitos alimentares também contribuíram para a análise, pois existe um grande consumo de produtos industrializados, até o leite, os ovos e as frutas e verduras são provenientes de supermercados.

A partir destas observações é possível afirmar que, apesar da região contar com grandes áreas verdes e de baixa densidade demográfica, de boa parte da atividade econômica ser voltada a atividades ligadas ao campo, a cultura da maioria da população é urbana, fazendo jus uma comparação com os dados apresentados na França e nos EUA por Lefebvre (2002, p.17). O autor afirma que o campo tem toda a sua produtividade e recursos dependentes da zona urbana industrializada, pois a dependência histórica das cidades em relação à produção rural foi invertida, hoje é o campo que depende do consumo realizado nas cidades. Com a descaracterização do rural e a perda de suas principais características, o campo está cada vez mais destinado a se tornar apenas uma extensão da cidade.

O processo de simbiose do campo a cidade é analisado por Ferrão (2000) que afirma: “mudam-se os tempos, mudam-se as relações”. O autor aponta que a partir da II Guerra Mundial a agricultura passou um longo processo de industrialização e a partir daí estabelece duas vertentes do mundo rural: o moderno e o tradicional. O autor coloca ainda que a mercantilização em massa da agricultura desloque, na maioria das vezes, a produção rural a serviço do capitalismo, despertando o interesse de grandes investidores e movimentando a economia em âmbito internacional. Esse histórico desencadeou um sistema desigual, prejudicando os pequenos e médios produtores ou até mesmo um grande produtor que não acompanhou o desenvolvimento tecnológico de produção agroindustrial.

A velha e bucólica imagem do campo sossegado, seguro, fraternal e cooperativo está fadada a ser substituída por grandes empreendimentos capitalistas de baixo custo e alta produtividade controlada por poucos indivíduos que compõe uma rica e influente burguesia rural. Esta configuração predomina na atual estrutura econômica do mercado e não permite que a situação se reverta, a não ser com forte investimento estatal. O exemplo que evidencia oposição é o conjunto de ações dos países desenvolvidos. No caso o governo estabelece programas de incentivo subsidiados para fixar e manter a população rural no campo, mesmo em pequenas e médias propriedades. Contudo, os altos custos de mão-de-obra e

insumos do pequeno produtor em relação aos grandes produtores e o custo final da produção torna esse modelo insustentável economicamente.

A situação se torna ainda mais precária se não houver o auxílio do Estado. Sem apoio, principalmente em países pobres ou subdesenvolvidos, o agricultor não vê outra saída senão vender a propriedade e migrar para a cidade, investindo o capital da venda no comércio ou em outra forma de sobrevivência urbana.

No caso do bairro do Monjolinho há uma variedade de atividades socioeconômicas em funcionamento, porém sem nenhuma organização por parte do poder público. Os problemas da economia dos meios rurais citados são realidades que incomodam e desmotivam a população local em continuar a investir sua força de trabalho e o escasso capital pessoal no emprego de atividades agropecuárias. A formação de associações e cooperativas pode servir como início de um processo de revitalização e de desenvolvimento econômico, contudo o exemplo da interferência do INCRA nos assentamentos do MST no bairro não apresentou resultados aparentes. Uma possível solução seria o Estado desenvolver, coordenar e orientar projetos em conjunto com a comunidade e que possibilitassem a sustentabilidade em regiões que apresentassem históricos semelhantes.

Ferrão (2000) aponta para o fenômeno da constituição do mundo rural não agrícola. Neste modelo a cidade agrega ao campo a idéia de patrimônio humano por meio da criação de parques e áreas de proteção florestal e ambiental; a procura de autenticidade ao conservar, proteger e valorizar a memória e o patrimônio histórico e cultural; a mercantilização da paisagem, valorizando atividades de turismo e lazer; a transformação do mundo rural em espaços multifuncionais com valor patrimonial particular ou empresarial.

Outra possibilidade, do ponto de vista empresarial, é a instalação de indústrias ou empresas de alto controle ambiental em áreas rurais como afirma Veiga (2005, p.4), desde que o Estado gerasse infra-estrutura de energia e transporte para suas instalações. Experiências na Europa e nos Estados Unidos em particular, mostraram que as empresas que se estabeleceram em áreas rurais obtiveram vantagens com relação à produtividade e a mão-de-obra, devido à facilidade e fluidez do trânsito de carga e de veículos, o custo de vida menor para os operários que gozam de melhor qualidade de moradia, de vida e maior segurança.

Esta poderia ser uma forma de preservar o mundo rural e sua população, porém com mais infra-estrutura econômica e socioambiental. A constituição de um mundo rural pós-moderno e até industrializado pode ser uma saída momentânea e

viável sob o ponto de vista econômico, social e ambiental. Porém, sem uma solução para os males causados pelo crescimento demográfico e do consumo exacerbado desta sociedade industrializada do século XXI, que tem gerado transformações desagradáveis ao meio ambiente e a humanidade como um todo.

Discussão

O conceito de rural e urbano é um tema discutido e debatido por muitos autores desde os anos de 1970. A partir deste período, alguns filósofos, antropólogos e sociólogos ligados aos estudos urbanísticos passaram a observar melhor o fenômeno de urbanização do campo. Autores, como o francês Henri Lefebvre, publicaram pesquisas sobre o quanto a cultura desenvolvida pela sociedade burguesa se tornara preponderante sobre a rural e o quanto esse processo pode gerar de transformações nos costumes e hábitos dos indivíduos que viviam nos cinturões verdes das cidades cuja atividade econômica principal era a indústria. Com o transcorrer do século XX, este processo de transformação passou a ser percebido, não só entre as cidades industrializadas, mas também em praticamente todo o espaço rural, seja ele muito ou pouco pressionado demograficamente.

Segundo a histórica *tetralogia* citada por Ferrão (2000) o mundo rural estabelece os seguintes aspectos: a produção de alimentos, como função principal; a agricultura, como atividade predominante; a família camponesa, com cultura e valores próprios; por último, um tipo de paisagem que demonstra o equilíbrio entre o trabalho humano e a natureza. Entretanto, para a melhor compreensão do processo de equivalência entre a cultura do rural e do urbano é preciso buscar na origem do capitalismo industrial elementos que sustentem este processo.

A cultura burguesa industrial, que gerou a chamada sociedade de consumo e intensificou o domínio do capitalismo sobre a sociedade agrícola durante a Revolução Industrial, a partir do século XVIII, passou a incentivar e a promover o crescimento demográfico das cidades e constituir diversas formas de exploração econômica que só existem no meio urbano, como mercados, oficinas, lojas, prestadores de serviço e entretenimento. Este histórico também contribuiu para a oferta de mão-de-obra não só para a indústria, mas também para todas as atividades relacionadas à vida urbana.

O trabalho urbano, na fábrica, no comércio ou nas obras públicas era considerado mais ameno e a intensificação do salário pago em dinheiro gerou a ilusão da liberdade de decisão econômica. A monetarização da mão-de-obra contribuiu ainda mais para o crescimento do

capitalismo ao formar grandes massas de trabalhadores que constituíram o mercado consumidor. O enriquecimento da cidade em detrimento do campo favoreceu a mudança de importância da elite rural para a elite urbana na Europa Ocidental e posteriormente nos Estados Unidos.

Contudo, ao longo do século XX, a população urbana ultrapassou a rural e a cultura dos habitantes das cidades foi aos poucos se tornando dominante. Viver em zona urbana era sinônimo de modernidade, facilidade e conforto. A vida no campo se tornou árdua, trabalhosa e pouco confortável. Longe dos centros urbanos industrializados, a população do campo se isolou e passou a ser considerada por muitos: caipira, desatualizada, ignorante e deselegante, considerada rústica para os padrões e valores da cidade.

Entretanto, a valorização do urbano em relação ao campo não é algo exclusivo da sociedade industrial. Na Idade Média, a cidade expunha seu orgulho na organização e na invenção da beleza:

Em que sentido a cidade é sinônimo de sociabilidade, embora tenha se tornado hoje sinônimo de individualismo e de anonimato? A Idade Média opõe a cidade, lugar de civilização, ao campo lugar de rusticidade. E, num mesmo movimento, afirma sua altivez num desejo de construir em direção ao céu, uma verticalidade expressa pelas torres medievais de San Gimignano, na Itália, tal como as de Manhattan, hoje. A Idade Média criou a beleza artística urbana, dando origem a um novo urbanismo. (Le Goff, 1998, p.119)

O processo de urbanização da sociedade brasileira também teve como objeto motivador a revolução industrial, porém por meio de uma sistemática diferente devido à vocação agrária das políticas econômicas e dos blocos hegemônicos (Gramsci, 2004) constituídos no poder do Estado. Existem fatores internos e externos para serem analisados.

No início da república, a elite brasileira era em sua maioria rural, contudo com hábitos urbanos influenciados pela sociedade londrina ou parisiense, concentrava a produção no campo, principalmente no café e faziam seus negócios nas cidades. Segundo Veiga (2005, p.4) para o trabalhador não havia grandes diferenças entre a pobreza no campo ou nas cidades e a maioria da população vivia na zona rural. Portanto, enquanto

a urbanização das nações ricas e industrializadas eram referências de modernidade e de status social para a elite agrária (fatores externos), a necessidade de mão-de-obra na construção civil, no comércio e de trabalhadores autônomos e até na indústria promovia a migração do campo para as cidades (fatores internos).

A efetiva urbanização da sociedade brasileira só ocorreu a partir da *era JK* no final dos anos de 1950, quando as medidas econômicas adotadas, como o *Plano de Metas*, contribuíram para a industrialização. A instalação das multinacionais com destaque para a indústria automobilística e a construção de Brasília favoreceu ainda mais a urbanização da sociedade promovendo o êxodo rural com destino as grandes cidades. Como observa Luz (1978, pp.124-138), “a luta para a industrialização do Brasil” não foi uma tarefa fácil. A defesa da política econômica agrária e a precariedade da indústria nacional não contribuíam para a urbanização da mão-de-obra. As exceções eram as cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. Essas capitais estaduais concentraram durante o final do século XIX e início do século XX a maior parte da produção industrial brasileira, porém no caso específico de São Paulo, a grande maioria dos operários era imigrante como afirma Fausto (2002), situação que só iria mudar a partir de 1934 com as leis de controle de imigração e de incentivos ao trabalhador nacional. Portanto não representava uma lógica entre a indústria e o êxodo rural. É possível concluir que a maioria dos trabalhadores das cidades neste período tem como origem o campo, mas exerciam atividades no comércio, como prestadores de serviço ou trabalhadores braçais. Mesmo em São Paulo, qualquer incentivo estatal a indústria gerava revoltas e críticas, a ajuda do governo atendia aos interesses dos industriais e não dos consumidores. Incentivo do Estado era barreiras alfandegárias que oneravam as importações e forçavam a compra de artigos nacionais, em geral caros e de baixa qualidade segundo Luz (1978, pp.139-139).

Contudo, a burguesia do café em São Paulo promoveu o surgimento de grandes e prósperos centros urbanos. O capital do café gerou desenvolvimento urbano e cultural e estabeleceu uma rivalidade desproporcional entre o campo e a cidade (Dean, 1971, pp.41-56). Em Taubaté a análise histórica evidencia uma condição semelhante. Segundo Ricci (2006, p.42) a queda na produção de café no Vale do Paraíba paulista no final do século XIX gerou uma migração do trabalhador rural para a cidade e do negro escravo para outras praças. Outro fator foi à instalação da estrada de ferro. Cidades que foram agraciadas com a ferrovia tiveram maior crescimento urbano. O crescimento da população urbana fomentou o

mercado consumidor de artigos não-duráveis, como vestimentas e acessórios, o que contribuiu para o aumento e a diversificação da produção industrial regional. A precocidade industrial foi substancial para a urbanização de Taubaté. Durante os anos de 1960, a cidade recebeu novas indústrias, seguindo a tendência nacional, e cresceu demograficamente, tendo sua população urbana sobrepujando a rural.

Na visão de Lefebvre (2002, p. 17) não há muita diferença entre os grandes centros urbanos industrializados em relação às cidades de médio porte, segundo ele “as cidades pequenas e médias tornaram-se dependências, semi-colônias da metrópole” e assim impondo sistematicamente seu modelo de “sociedade burocrática de consumo dirigido” a outras sociedades, como a rural. A sociedade eletrônica digital, impulsionada com a disseminação do uso dos computadores e das telecomunicações como os celulares e a internet, consolidou a “era da informação” (Gadoti, 2000). A facilidade de acesso a tecnologia não se restringe apenas ao mundo urbano, ela também abrange o campo, principalmente das cidades industrializadas, em que a infra-estrutura é maior e diminui as diferenças entre os dois meios e favorece a adoção, no campo, das práticas e valores urbanos.

Conclusão

Este artigo tem como objetivo avaliar, por meio do estudo de caso regional, especificamente do bairro rural do Monjolinho em Taubaté, o fenômeno de urbanização do campo. Esse fenômeno foi intensificado a partir da II Guerra Mundial e se estendeu para as áreas periféricas do capitalismo industrial, como no exemplo do Brasil. Esse processo de urbanização cultural da sociedade gerou grandes transformações e acarretou problemas socioeconômicos e ambientais como a pobreza e a miséria de populações suburbanas que enfrentam uma série de dificuldades por viverem longe dos centros urbanos, considerados desenvolvidos. Como saída, muitas dessas populações, e a do bairro do Monjolinho não é diferente, buscam automaticamente soluções para essa questão e o fenômeno mais comum é o êxodo rural, principalmente da camada mais jovem da população que busca nas cidades melhor formação profissional e, conseqüentemente, melhores perspectivas de ascensão econômica.

O método de observação etnográfica aplicado para a pesquisa que pautou o artigo permitiu uma análise diferenciada. Sem a interferência do observador, a

comunidade pode ser explorada de forma mais liberal. A observação permitiu que os sujeitos observado na pesquisa manter o comportamento social cotidiano para a percepção do processo de urbanização do bairro a partir da teoria da revolução urbana de Lefebvre.

Essa pesquisa é apenas uma síntese das possibilidades de pesquisa acerca da urbanização do campo. Entretanto, as informações coletadas indicam a necessidade de novas pesquisas para avaliar e mensurar o impacto específico da urbanização na comunidade estudada e apresentada neste artigo. A realização de novos estudos é fundamental para orientar a adoção de políticas públicas para a comunidade do Monjolinho, objetivando propor ao poder público medidas de apoio mais efetivas que objetivem o desenvolvimento sustentável e a manutenção cultural e histórica da região, servindo de base para outros estudos.

Referências

- CARONE, Edgar. **A primeira república**. São Paulo: Difel, 1969.
- DEAN, Warren. **A industrialização de São Paulo**. São Paulo: Edusp, 1971.
- DINIZ, Clélio Campolina e CROCO, Marco Org. **Economia regional e urbana: contribuições teóricas recentes**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio Org. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.
- FERRÃO, João. **Relações entre o mundo rural e o mundo urbano: evolução histórica, situação atual e pistas para o futuro**. Santiago-Chile: EURE, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GRAMSCI, Antonio. **Escritos políticos**. vol. 1. Edição de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- GRAMSCI, Antonio. **Escritos políticos**. vol. 2. Edição de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- LEFEBRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**. São Paulo: Unesp, 1998.
- LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LUZ, Nícia Vilela. **A luta pela industrialização do Brasil**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1975.

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

MARX, Karl Heinrich e ELGELS Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Global, 2006.

MARX, Karl Heinrich. **O Capital**. São Paulo: Global, 2006. Bauru-SP: Edipro, 1998.

MINGIONE, Enzo e PUGLIESE, Enrico. **A difícil delimitação do urbano e do rural: alguns exemplos e implicações teóricas**. Revista Crítica de Ciências Sociais Nº 22, 1987.

MONTE-MÓR, Roberto Luis. **O que é urbano, no mundo contemporâneo**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2006.

PRADO JR., Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RICCI, Fabio. **Indústrias Têxteis na Periferia, origens e desenvolvimento: o caso do Vale do Paraíba**. Taubaté-SP: Cabral, 2006.

SINGER, Paul. **Economia política da urbanização**. São Paulo: Brasiliense, 1973.

VEIGA, José Eli da. **A relação rural/urbano no desenvolvimento regional**. Santa Cruz do Sul, RS: Desenvolvimento Regional, 2005.